

“Aos Pés da Santa Cruz”: A Relíquia da Vera Cruz em Marmelar (Séculos XIII e XIV)

Renata Cristina de S. Nascimento

Universidade Federal de Goiás

Goiânia – Goiás – Brasil

renatacristinanasc@gmail.com

Resumo: A veneração às santas relíquias faz parte do imaginário cristão desde seus primórdios. Na Idade Média a devoção aos mistérios da vida e paixão de Cristo e o culto aos santos intensificou-se, atingindo extremos. Fragmentos do Santo Lenho, considerados pela tradição cristã como partes legítimas da madeira da Cruz de Jesus, tornaram-se relíquias de grande prestígio, estando presentes em diversos pontos da cristandade. Em Portugal, o Mosteiro do Marmelar incorporou em seu patrimônio religioso o *Lignum Crucis*, responsável pela atração de peregrinos e pelo desenvolvimento político, comercial e espiritual do lugar.

Palavras-chave: Peregrinação. Relíquias. Memória.

Introdução

As provas materiais da vida e do sofrimento de Cristo são, por excelência, testemunhos visíveis de sua presença física na terra. Acredita-se, desde a Antiguidade, que o contato com as santas relíquias pode operar maravilhas. Estas materializam, para os crentes, a presença do sagrado. Dentro do mosaico de representações simbólicas da paixão de Cristo as de maior prestígio são as que lembram seu sacrifício pela humanidade, sendo a cruz seu símbolo maior. Vários fragmentos do Santo Lenho teriam se espalhado pelo ocidente latino, desde seu “achamento” na Palestina, no século IV. Em Portugal, a Relíquia do Santo Lenho do Marmelar tornou-se objeto de grande veneração, desde a Idade Média, reforçando assim a credibilidade popular na presença do próprio *filho de Deus* entre os mortais. O objetivo deste texto tem por premissa o estudo da relíquia da Vera Cruz, importante símbolo de prestígio para a Comenda de Marmelar e, em que sentido, a posse deste objeto sagrado contribuiu para legitimar a presença

hospitalária no Alentejo, servindo como veículo de sacralização de uma região fronteiriça.

As relíquias da paixão significam a possibilidade de um diálogo entre o mundo natural e o sobrenatural, o martírio de Cristo rememorado. Expressam, portanto, seu sacrifício e padecimento em prol da salvação da humanidade, sendo portadoras de uma grande carga histórica e simbólica. Estes objetos oferecem um contato direto com o divino, além do abstrato, sendo fundamentais para o protagonismo de quem os possui, trazendo enorme importância ao local de sua veneração. A Comenda de Vera Cruz do Marmelar beneficiou-se da peregrinação e do prestígio de possuir um fragmento da Santa Cruz, o que contribuiu de modo significativo para a vivência religiosa e econômica do lugar.

As relíquias cumprem uma função cultural e, ao mesmo tempo, de estruturação do espaço cristão na Palestina (e posteriormente em outras regiões), colaborando na apropriação deste espaço, sendo um repositório portátil da memória e da história cristã. Evento fundador da religião cristã, a Paixão de Cristo, expressa de forma discursiva nos evangelhos, contribuiu para criar na Palestina uma geografia do sagrado, sendo o móbil dos primeiros movimentos de Cruzada. É neste contexto que surgem as Ordens Militares. Para contextualizar o tema dividimos nosso estudo em três momentos; 1º- A Ordem de São João de Jerusalém: da Palestina à Península Ibérica; 2º- A Paixão de Cristo e a *Tactibilidade* do Sagrado e 3º- Relíquia da Vera Cruz em Marmelar: símbolo de sacralidade e legitimidade.

A Ordem de São João de Jerusalém: da Palestina à Península Ibérica

Criadas no contexto cruzadístico as Ordens Militares aparecem como a expressão mais evidente da sacralização da guerra. O monge guerreiro representou uma grande novidade no plano da espiritualidade medieval. Dentre as diversas ordens militares, destacam-se inicialmente a dos Templários e a dos Hospitalários¹, sendo a 1ª cruzada (1096-1099), e a região do Santo Sepulcro, no bairro tornado cristão, seu espaço inicial de atuação. A peregrinação à Cidade Santa já era um costume arraigado na devoção cristã desde o “achamento” da Santa Cruz, no século IV. A posse dos lugares

¹ A Ordem de São João do Hospital teve várias sedes: Jerusalém, São João D' Acre, Chipre, Rodes e Malta.

santos e sua manutenção foram fundamentais na projeção terrestre dos eventos bíblicos, uma vez que estar no espaço da vida, da morte e da ressurreição de Cristo era algo almejado por muitos. É neste contexto de peregrinação que se insere o surgimento da Ordem de São João do Hospital, servindo como base de apoio aos peregrinos que visitavam os locais santos. Oficializada pelo papa Pascoal II em 1113, a Ordem deveria cumprir sua dupla função; caritativa e militar.

Na verdade, a primeira vez que os textos referem os *frates armorum*, ou seja, freires de armas, foi em 1182. Esta transição foi lenta e gradual e chamou a atenção do Papa Alexandre III, que nos anos 70 do século XII, insistia junto ao Grão- Mestre que a primeira obrigação dos freires era o cuidado dos pobres e que o empenho nas armas só seria aceitável quando a relíquia da Santa Cruz acompanhasse as hostes cristãs (COSTA, 2009, p. 21).

É importante notar a importância, desde o início do cristianismo, da Cruz de Cristo como elemento de legitimidade, artefato divino, símbolo de proteção e sacralidade. Na Península Ibérica, desde o começo do século XII, especialmente na região da Galiza, a Ordem do Hospital dedicou-se à proteção dos peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela, tanto pelo caminho francês, como por rotas secundárias procedentes de outras regiões, como é o caso de Portugal (MARCHINI, 2010). Em terras lusitanas, a prática caritativa foi inicialmente o principal motivo para a implantação dos hospitalários, ficando em segundo plano a necessidade militar. Com o crescimento da Ordem, seu viés militar foi pouco a pouco acentuado. As doações régias foram muito importantes na formação do patrimônio do Hospital. Sua primeira sede foi em Leça de Bailio e, posteriormente, no Crato.

O formato organizativo corresponde à existência de um único Priorado em Portugal, o do Crato. As bailias e as comendas correspondiam a um patamar inferior, unidades locais de implantação hospitalária. Marmelar tornou-se uma importante comenda, exatamente por possuir em seu interior um fragmento atribuído à cruz de Cristo. Segundo Pagará (2006, p. 21) a documentação estabelece o ano de 1268 como a época da instalação da Ordem de São João neste território. A Comenda da Vera Cruz tornou-se, neste cenário de proteção de fronteiras pós-reconquista e fortalecimento do poder real, veículo importante da presença hospitalária no Alentejo.

A Paixão de Cristo e a *Tactibilidade* do Sagrado

O culto das relíquias é parte integrante e significativa do patrimônio cultural e espiritual da igreja cristã. Os lugares e os objetos associados à vida de Jesus Cristo e dos santos foram redimensionados pelos fiéis, pois estes poderiam proporcionar o contato direto com a sacralidade presente nestes fragmentos. Os cultos realizados nos lugares da morte dos mártires poderiam comprovar a existência terrena e miraculosa destes homens especiais.

A partir do século V, houve uma intensa proliferação da fabricação de relíquias (*inventio*) relacionadas à vida e à morte de Cristo, à Bem-aventurada Virgem Maria, aos apóstolos e a outros personagens presentes nos relatos evangélicos, especialmente no Oriente (Constantinopla e Jerusalém), e, também, uma intensa movimentação (*translatio*) de relíquias dos mártires e de outros santos de Roma para as igrejas particulares e dessas entre si (NUNES JR, 2013, p. 97).

A nova interpretação do Antigo Testamento, após a cristianização do ocidente, passou a ver a história de Israel como uma narrativa singular, tendo por objetivo principal conduzir os fiéis ao momento da vida, morte e ressurreição de Cristo, vistos agora como auge da interpretação da vontade de Deus e sua intervenção direta na história humana. “Portanto era igualmente sobre o reino de Israel, o qual agora os cristãos viam como o autêntico reino de Deus, que da árvore reinava o Crucificado” (PELIKAN, 2000, 26). Os apologistas incluíram uma referência explícita à cruz, “o senhor reina da árvore”. A madeira usada na crucificação do messias passa a adquirir status de santidade, especialmente após o século IV, em que Santa Helena, mãe de Constantino, empreendeu a busca da verdadeira cruz, se apropriando dos lugares relacionados à vida de Jesus². O achamento da santa cruz, maior ícone da fé cristã, trás em si uma enorme carga simbólica. Este episódio está relacionado, desde o princípio, a vários prodígios. De acordo com a tradição, ao encontrar o local da crucificação foram achadas três cruces, e, por meio de um milagre, a verdadeira cruz manifestou-se.

² Atribuiu-se a Helena, mãe do imperador Constantino (272-337) a redescoberta dos lugares da paixão, que no ano de 326 teria peregrinado à terra santa e localizado o local da crucificação e o sepulcro de Jesus. O imperador endossou sua descoberta, lá construindo uma igreja, que, apesar de todas as vicissitudes, permaneceu como o principal santuário da cristandade, a Igreja do Santo Sepulcro (NASCIMENTO, 2014, p. 3).

A fragmentação do *Lignum Crucis* e de outras pretensas relíquias da paixão, trazidas a Roma por Santa Helena, atingiu enorme proporção e também gerou muitos abusos, obrigando as autoridades eclesiásticas a intervir. Independente da aprovação do papado, a veneração aos objetos sacros proliferou-se enormemente durante a Idade Média. Neste âmbito, a cidade de Constantinopla³ tornou-se uma grande depositária de relíquias. Entre estas o Santo Sudário, trazido a esta cidade em 944, quando os exércitos bizantinos, durante uma campanha contra o sultanato árabe de Edessa, entram em posse do *mandylion* e o levam solenemente para Constantinopla. O Sudário, hoje em Turim, é ainda uma das mais prestigiadas relíquias da cristandade, e teve sua veneração aprovada pelo papa Júlio II, em 1506. A sobrevivência desta veneração, ao longo dos séculos, revela a importância que as sagradas relíquias possuem no seio da cristandade, e podem ser consideradas como fatores de identidade para a religião cristã.

Relíquia da Vera Cruz em Marmelar: Símbolo de sacralidade e legitimidade

O senhorio de Portel começou a ser formado por volta de 1257, quando D. Afonso III (1210- 1279), doou parte do território a João Peres de Aboim⁴, que recebeu terras dos concelhos de Évora e Beja (AZEVEDO, 2003). Em 1271 Peres de Aboim entregou o padroado das igrejas de Portel à Ordem de São João de Jerusalém, na figura do Frei Afonso Pires Farinha, de importante linhagem, como forma de atrair uma Ordem Militar para este território, ainda levemente povoado e protegido. “A edificação da estrutura inicial do futuro Mosteiro de São Pedro de Vera Cruz remonta ao período visigótico, sendo hoje aceite a existência, no mesmo lugar, de um estabelecimento monástico desde o século VII” (NASCIMENTO, 2014, p. 7). Este foi refundado pela Ordem do Hospital em meados do século XIII. Não se sabe ao certo quando o Mosteiro Hospitalário de Marmelar começou a funcionar em regime de Comenda. Como aponta Paula Pinto Costa (2013, p. 211), neste primeiro momento não há diretamente nenhuma

³ A crise do império e a invasão de Constantinopla em 1204 provocam um afluxo de relíquias em direção ao ocidente latino. A coroa de Cristo, por exemplo, comprada por Luís IX de França, foi colocada em Sainte Chapelle, no século XIII.

⁴ Nascido por volta de 1210 foi companheiro de juventude do Infante Afonso (futuro rei Afonso III), acompanhando-o em sua estada em França. Regressa com ele a Portugal, combatendo a seu lado contra D. Sancho II e no processo de conquista do território nacional. Em 1264 foi nomeado mordomo-mor do rei (PAGARÁ, 2006, p. 26).

referência documental à presença do Santo Lenho, o que sugere sua existência neste local em data posterior à Batalha do Salado (1340), embora exista uma tendência mais tradicional, baseada no Agiologio Luzitano⁵, em apontar Frei Afonso Pires de Farinha como o responsável por trazer a Santa Relíquia de Jerusalém, o que hoje não mais encontra sustentação.

Na Península Ibérica, o evento da Batalha do Salado (1340) é o mais significativo da função protetora e agregadora promovida pela presença da Santa Cruz em uma guerra de grandes proporções. Conduzida pelo Prior do Hospital Frei Álvaro Gonçalves Pereira (FERNANDES, 2003, p. 146-155), este episódio deu a ele lugar de destaque, sendo portador da relíquia, instrumento da ação divina (FERNANDES, 2011, p. 75-91). A importância dada pela historiografia à Memória do Salado enfatiza a construção de imagens sobre a vitória cristã, que valorizam a ação do Prior do Crato no confronto. Dentro do imaginário de cruzada o Marmelar teria recebido a relíquia, sendo depositada em cofre-relicário doado por Nuno Álvares Pereira⁶, alterando assim o orago de São Pedro para o de Vera Cruz. “O primeiro documento conhecido que se reporta ao mosteiro como sendo da invocação da Vera Cruz é de 5 de maio de 1397” (COSTA, 2013, p. 218).

Outro aspecto que deve ser ressaltado é a questão das disputas entre as principais linhagens que gravitavam no âmbito da Ordem. Góis/Farinha e Pereira assumiram a gestão de Comendas de primeira importância, “a de Marmelar, no caso dos de Góis, e a do Crato/ Flor da Rosa, no caso dos Pereira” (COSTA, 2013, p. 229). Tanto Marmelar quanto Flor da Rosa podem ser consideradas como espaços de projeção do oriente latino no contexto português pós-reconquista. Marmelar seria uma segunda Jerusalém e Flor da Rosa uma revivescência da estrutura hospitalária em Rodes. Os Góis/Farinha, fundadores do Mosteiro do Hospital em Marmelar, e os Pereira, como fundadores do castelo fortificado de Flor da Rosa desde 1341. A relíquia seria objeto de

⁵ Segunda notícia do santíssimo lenho do Agiologio Luzitano, composto pello Ilustre Jorge Cardozo no Tomo 3º folha 55 e diz a noticia depois de haver tratado o author de outras couzas — as palavras seguintes: (...) esta Famoza relliquia trouxe de Hierusalem Fr. Affonso Pires Farinha Prior do Hospital, o qual edificou este mosteiro [de Marmelar] à instância do illustre D. João de Aboim (...). He certo, segundo a tradição e voz constante, que vinha esta relliquia a Sée de Évora deregida e chegando ao lugar da Fonte Santa, nunca a mula que a trazia quis passar adeante athe que lhe foi tirada a sagrada carga e para que não service em profanos uzos, estalou de repente, com admiração de todos, que ali se acharão; e para ficar mais famoso o prodígio brotou a terra hum canal de agoa que houje persevera com o titolo da Fonte Santa. E conforme a mesma tradição consta que o Arrieiro metendo na terra a vara com que picava a mula, em continente se vio hum fermoço pinheiro de que ainda há memorias, e de que levando os romeiros feito em cruces obrava por ellas o Ceo grandes maravilhas; tudo isto consta da tradição à qual nada acrescento, e ainda houje por maravilha se concerva o pé do dito pinheiro tão fresco e verde, que he admiração de todos... (PATALIM, 1730).

⁶ Ainda hoje a relíquia da Vera Cruz é guardada no cofre-relicário medieval.

disputas entre estas famílias. A disputa revela a importância da posse deste objeto sacro, especialmente após a intensificação do culto ao Santo Lenho. Além disso, ao longo da História, os monarcas portugueses desenvolveram grande devoção pela famosa relíquia de Vera Cruz, intensificando as doações e privilégios aos que participassem das celebrações, instituindo também feiras na região. D. Afonso V (1450) instituiu feira franca em Vera Cruz de Marmelar, no dia da festa religiosa de Invenção da Cruz que, pelo calendário litúrgico, ocorre no dia 3 de maio. Este privilégio veio a ser confirmado por D. João II (PAGARÁ, 2006, p. 41).

O prestígio da relíquia, expresso por concessões régias, intensificam os privilégios para quem fosse viver no lugar, contribuindo para superar os obstáculos de desenvolvimento da Comenda, como a escassez demográfica. Na época medieval, as igrejas, mosteiros e cidades rivalizam entre si, procurando possuir o exclusivo das relíquias mais notáveis. Entre estas estão os fragmentos atribuídos à Santa Cruz. Tomás de Kempis (2012, p. 90) em 1441, traduz em palavras o significado da cruz para a memória cristã;

Na cruz está a salvação, na cruz a vida, na cruz o amparo contra os inimigos, na cruz a abundância da suavidade divina, na cruz a fortaleza do coração, na cruz o compêndio das virtudes, na cruz a perfeição da santidade. Não há salvação da alma nem esperança da vida, senão na cruz. Toma, pois a tua cruz, segue a Jesus e entrarás na vida eterna. O senhor foi adiante, com a cruz às costas, e nela morreu por teu amor, para que tu também leves a tua cruz e nela desejes morrer.

A memória ritualizada, revivida em cada ato litúrgico, proporciona aos fiéis “ver e contactar os lugares funerários e os relicários, que constituíam a prova mais cabal e imediata de que Cristo e as suas testemunhas permaneciam forças vivas e atuavam por meio de suas relíquias” (GOMES, 2009, p. 61). Os olhos dos peregrinos viam nestes objetos a possibilidade de libertação, física e espiritual, independente de sua autenticidade, tinham estas partes atribuídas ao madeiro da Cruz sua própria simbologia, propiciando ao homem medieval uma experiência mística de grande valor.

Considerações Finais

As relíquias representam a memória espiritual do cristianismo e, neste sentido, a cruz é o principal símbolo da paixão de Cristo. O ato de lembrar é, sobretudo,

o trabalho de localizar lembranças no tempo e no espaço. “Como o espaço é uma criação social, nele os homens intervêm modificando-o, a memória a ele ligada é agenciada por estas transformações” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 203). As santas relíquias são memórias portáteis, que podem ser transladadas de um lugar para o outro, podendo ser reposicionadas. Para a comunidade receptora, a chegada de uma relíquia era uma grande honra, representando o pertencimento de um determinado local à história cristã, sendo também fator de identidade religiosa para esta comunidade. O conceito de memória é central nesta abordagem. Tomemos também, por norte investigativo e conceitual o que Halbwachs (1990), entende por memória coletiva, onde o passado é permanentemente reconstruído e revivificado, enquanto é ressignificado. A memória coletiva vive na tradição.

Mas toda a religião tem também sua história, ou antes, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muito distantes no passado, e que aconteceram em lugares determinados. Ora, seria muito difícil evocar o acontecimento se não imaginássemos o lugar que conhecemos, geralmente não porque o vimos, mas porque sabemos que existe, que poderíamos vê-lo, e que em todo o caso, sua existência está garantida através de testemunhas. Por isso que há uma geografia ou uma topografia religiosa. Quando as cruzadas chegaram a Jerusalém e se reapossaram dos lugares santos, não se contentaram em procurar os locais onde a tradição situava os principais acontecimentos narrados nos evangelhos. Localizaram amiúde mais ou menos arbitrariamente alguns detalhes da vida de Cristo ou da primitiva Igreja Cristã, guiando-se por vestígios incertos e mesmo, na ausência de todos vestígios, obedecendo à inspiração do momento. Depois, muitos peregrinos vieram rezar nesses lugares, formaram-se tradições novas, e temos hoje muita dificuldade para distinguir as lembranças dos lugares que remontam 157 aos primeiros séculos da era cristã e tudo o que a imaginação religiosa lhes acrescentou (HALBWACHS, 1990, p. 157).

Assim como os espaços sagrados, os objetos também são repositórios de memória, adquirindo valor ainda maior no campo do imaginário religioso, sendo testemunhos, ainda que silenciosos, da existência física do personagem que representam. Estes convocam o corpo de fiéis à veneração, ao mesmo tempo material e transcendental. Assim, é fundamental analisar a intensificação do culto à relíquia do Santo Lenho na Idade Média, enfatizando a carga histórica e simbólica que a Igreja de Vera Cruz representa. A Cruz do Marmelar foi o centro irradiador do espírito cruzado vencedor na Batalha do Salado, além de estar presente em outros momentos importantes da história da monarquia portuguesa, sendo considerada portadora de qualidades miraculosas.

"AT THE FEET OF THE HOLY CROSS": A RELIC OF THE TRUE CROSS IN MARMELAR (CENTURIES XIII AND XIV)

Abstract: The veneration of the holy relics is part of Christian's imagery since its inception. In the middle Ages devotion to the mysteries of life and passion of Christ and the worship of saints intensified, reaching extremes. Fragments of the Holy Cross, considered by Christian tradition as legitimate parts of the wood from the Cross of Jesus, became prestigious relics, being present in various parts of Christendom. In Portugal, the Marmelar's monastery incorporated into its religious heritage the *Lignum Crucis*, responsible for attracting pilgrims and contribute to the political, commercial and spiritual development of the place.

Keywords: Pilgrimage. Relic. Memory.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP, Edusc, 2007.

AZEVEDO, Pedro de (publicação de). Livro dos Bens de D. João de Portel, Cartulário do século XIII, Lisboa: Câmara Municipal de Portel e Edições Colibri, 2003.

BOZÓKY, Edina. *La Politique Des Reliques: de Constantin à Saint Louis*. Paris: Beauchesne, 2007.

COSTA, Paula Maria P. *A Ordem Militar do Hospital em Portugal: Dos Finais da idade Média à Modernidade*. In *Militarium Ordinum Analecta 3/ 4*, Fundação Eng. Antônio de Almeida 3/4 1999/2000.

_____. *A Presença dos Hospitalários em Portugal*. Gavião: Ramiro leão, 2010.

_____. e PIMENTA, Maria C.. *A Cruzada e os Objetivos Fundacionais das Ordens Religioso- Militares em Portugal*. Separata da Revista portuguesa de História, Tomo XL, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008/2009.

_____. *História da Comenda*. (Marmelar). In FONSECA, Luís Adão da. *Fontes para o Estudo das Ordens religioso- militares. Comendas das Ordens Militares: perfil nacional e inserção internacional*. *Militarium Ordinum Analecta* Porto: Fronteira do caos editores, 2013. (p. 207-234).

DEMURGER. Alain. *Os Cavaleiros de Cristo: Templários, Teutônicos, Hospitalários e Outras Ordens Militares na Idade Média*. RJ: Jorge Zahar, 2002.

EUSEBIUS. *Life of Constantine*. Introduction, translation, and commentary by Averil Cameron and Stuart G. Hall. OXFORD: CLARENDON PRESS, 1999.

FERNANDES, Fátima Regina. *O Poder do Relato na Idade Média Portuguesa: a Batalha do Salado de 1340*. In Revista Mosaico. Vol. n° 4. Goiânia: PUC-Go, 2011. (p 75-91).

_____. *Sociedade e Poder na Baixa Idade Média Portuguesa: Dos Azevedo aos Vilhena: as famílias da nobreza medieval portuguesa*. Curitiba, Editora UFPR, 2003.

FLORI, J. *Guerra Santa- Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Campinas, Unicamp, 2013.

GOMES, Saul A. *Sagrados Monumentos, relíquias de mártires e de santos em Portugal*. In Revista Lusófona de Ciência das Religiões, Ano VIII, 2009/n.15. (p 59-84).

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*, SP: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARCHINI, Dirceu. *A Ordem do Hospital no Noroeste da Península Ibérica: Doações e Privilégios (Séculos XII- XV)*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. *A Relíquia do Santo Lenho em Portugal: Narrativas de Milagres*. In História Revista, v. 19, n. 1. Goiânia (UFG): 2014. p 105-120.

_____. *As Santas Relíquias: tesouros espirituais e políticos*. In Revista Diálogos Mediterrânicos. Curitiba (UFPR), Número 6 – Junho/2014. (p 56-67).

NUNES JR, Ario Borges. *Relíquia- O destino do corpo na tradição cristã*. SP: Paulus, 2013.

PAGARÁ, Ana & outros. *Igreja Vera Cruz de Marmelar*. Portel: Página Editores, 2006.

PELIKAN, Jaroslav. *A Imagem de Jesus ao Longo dos Séculos*. SP: Cosac&Naify edições, 2000.

RAMOS, Rafael C. *Arquitetura Fronteriza Portuguesa: La Vera Cruz de Marmelar, Un Enclave De La Reconquista Lusa*. IN Laboratório de Arte 21 Sevilha: (2008-2009). (p. 37-65).

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e. *O Sangue, A Cruz e a Coroa- A Memória do Salado em Portugal*. In Penélope: Fazer e Desfazer História. N° 2: Lisboa: 1989. (p. 28-44).

SOBRE A AUTORA

Renata Cristina de S. Nascimento é doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Mestrado em História); participante do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos-UFPR).

Recebido em 20/05/2015

Aceito em 19/06/2015